

NÃO SEI O QUE ESCREVA

S
21



Pedem-me que escreva sobre o João Aguardela. E não sei o que escreva. Tento fazê-lo, a poucas horas de passarem duas semanas que soube pela Sandra, ao telefone, aquilo que estava iminente: «chegou a hora do João». Faz amanhã 40 anos, o João, e sei que vamos estar juntos, com a Sandra e muitos amigos dela e dele. Não sei se haverá muitas

ou poucas lágrimas, mas haverá alegria e festa, como ele sempre quis e praticou. Quantos não se lembrarão dos concertos dos Sitiados, quando ele chegava à frente do palco e gritava: «eh lá, toda a gente, mãos ao alto»? E todos obedeciam, entregando àquele homem bonito, de olhos azuis, um património valioso. A nossa alegria, entusiasmo, energia. Ou a meio do tema *Rebuçados*, quando pedia a todos

que se ajoelhassem e rezassem a lengalenga «das velhas beatas». A ordem era cumprida. Até na Festa do Avante. 60 mil frente ao palco, de joelhos, e a “rezar”. O João conseguia-o com a naturalidade de quem tem um carisma absolutamente fora do comum.

Pedem-me que escreva sobre um dos meus melhores amigos, padrinho do casamento que já não existe mas que me trouxe o

filho que é quem mais amo na vida. E não sei o que escreva. Pedem-me que escreva sobre a pessoa que me abriu a casa onde vivia para eu aí também viver, quando voltei a trabalhar em Lisboa. Não é fácil escrever sobre quem eu via, de manhã, chegar à sala, acender um cigarro, ouvir um disco qualquer – perdão, para o João nunca havia um disco qualquer, especialmente aquele que escolhia de manhã para ouvir – só então começando o dia.

Por ser para um jornal de Oliveira do Hospital, lembro-me de uma Queima das Fitas em Coimbra, estavam os Sitiados no auge. Em 1992 ou 93, no backstage, atrás do palco, zona para onde confluem músicos, jornalistas, amigos, convidados, penetras, técnicos e seguranças. Um destes, precisamente, estava a tentar mandar de lá para fora um amigo meu. De Oliveira do Hospital. Intercedi. Excesso de álcool. De nada valeu. Fui ter com o João. Ele foi falar com o segurança dizendo que o meu amigo – logo, porque o João também sabia ser assim, amigo dele – devia ficar e que ele, que tinha estado a tocar ali naquele palco minutos antes, se responsabilizava. O segurança, paciente, lá argumentou: «como é que se vai responsabilizar por um tipo que esteve a mijar em frente a trinta mil pessoas?» Claro que o João convenceu o homem. Como quase sempre. O João Miguel teve sempre uma impressionante capacidade de argumentação.

Para além dos Sitiados, e recorrendo ao texto que me pediram para escrever para os jornais quando o João partisse, “Aguardela foi também o mentor de projectos como Megafone (quatro discos de um trabalho muito pessoal, que cruza a recolha de música tradicional portuguesa com sonoridades electrónicas), Linha da Frente (formado por vocalistas de várias bandas nacionais interpretando textos de poetas portugueses) e A Naifa, o seu mais recente projecto com Luís Varatojo, com três álbuns editados e dezenas de concertos aclamados pela crítica e pelo público.

Criador com capacidades fora do comum, inovador, Aguardela soube antecipar tendências e lançar projectos esteticamente inéditos, sempre numa abordagem marcada pela defesa da língua e da cultura portuguesas.”

Já me citei. O João trouxe o Sérgio Godinho e o Conjunto António Mafra para as gerações mais jovens, interpretou Zeca e Xutos, Variações e Bowie. Ajudou na Quinta do Bill e o amigo que fazia teatro de rua. Levou os Sitiados ao mundo com a mesma simplicidade com que convivia com as pessoas do seu bairro, no Desportivo Monte Real, em Tires, onde chegou a inventar uma banda para uma festa de Carnaval, em época de pleno sucesso de Sitiados. Cantou contra o racismo e o militarismo, defendeu o sim no referendo do aborto. E até pegou na guitarra para o protesto de rua nas Amoreiras, em Lisboa, com a Sandra e o Jorge, em defesa dos jornalistas da RDP, no conflito que opôs o jornalista Adelino Gomes ao então administrador José Manuel Nunes. Porque era uma questão de liberdade de expressão. O João era pela liberdade. Sempre. E foi sempre livre no trabalho que fez. Nunca cedeu. Fez sempre o que quis. Como quis. Assumindo. Sim, ajudei-o na subversão de enfiar discos do Megafone nas prateleiras das “FNAC’s” quando a multinacional tinha recusado vendê-los. As pessoas chegavam às caixas e aquilo não tinha preço nem código de barras. E partiam felizes, com o disco à borla.

A Sofia, que tanto me ajudou nestas semanas com a cabeça a mil, pediu-me há pouco para ler o texto do Rui Cardoso Martins dedicado à “sua” Tereza Coelho, na Pública. Belíssimo. E com uma ideia bestial, dizem que é um truque: “os amigos não morrem, hoje é que não podem vir”.

O João, amanhã, não pode vir ao jantar dos seus 40 anos. E não sei mais o que escreva.

Ricardo Alexandre (jornalista)

1 de Fevereiro de 2009

João Aguardela - 4 faces musicais



Sitiados - Entre 1993 e 1999 os Sitiados foram uma das duas únicas bandas que estiveram presentes na fornada inaugural de discos-tributo a grandes nomes da música portuguesa, nomeadamente a António Variações, José Afonso e Xutos e Pontapés. Em *As Canções de António* cantaram *O Corpo É Que Paga*; em *Os Filhos da Madrugada* recriaram *A Formiga no Carreiro*; em *XX Anos XX Bandas* celebraram *Para Ti Maria*. Mais do que um mero *fait-diver*, o facto é ilustrativo da projecção e do impacto que a banda teve ao longo da década de 90.

Depois de um começo titubeante em que um som ainda pouco personalizado lhes valeu,

mesmo assim, um segundo lugar na final do prestigiante Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous, o grupo apostou numa aproximação às raízes da música popular portuguesa e do folclore, que fundiu com um rock enérgico e folião.

Em 1992, após a edição de Sitiados, os espetáculos do grupo suscitavam ataques de histeria um pouco por todo o país – nessa altura actuaram no Parque do Mandanelho, em Oliveira do Hospital, num concerto não muito conseguido. Mas dois dias depois, enchiam as parangonas dos jornais com uma fabulosa participação na Festa do Avante. A presença absolutamente eletrizante de João Aguardela em palco, tronco nu e cabelos ao vento, cantor popular e sex-symbol, não deixava ninguém indiferente. Por essa altura, todo o país sabia cantar *Vida de Marinheiro* e os mais susceptíveis sentiam-se indignados com a história “senhor Aníbal” e do *Pérola Negra* (expli-

citemos a provocação: o Pérola Negra era um bar do Porto com fama de apresentar espetáculos de sexo ao vivo; senhores com nome de Aníbal havia muitos... incluindo o primeiro-ministro da altura). E como a banda parecia ter a protecção dos deuses, até um tema como *A Noite*, editado meia década antes na colectânea Registos, se tornou um sucesso nacional pela mão dos Resistência, que o resgataram para o seu segundo álbum, *Mano a Mano*.

Os Sitiados não voltariam a viver um ano como o de 1992. No ano seguinte, com *E Agora?!*, ainda conseguiram o hit popular e abrangente em que cantavam “vamos ao circo”. Mas os álbuns seguintes tiveram uma recepção mais discreta e, em 2000, o grupo deu por findas as suas actividades. Quanto a João Aguardela, continuou envolvido em novos projectos. Até ao fim...

Discografia: *Sitiados* (1992), *E Agora?! (1993)*, *O Triunfo dos Electrodomésticos* (1995), *Sitiados* (1996), *Mata-me Depois* (1999).
Artur Abreu



Megafone – As recolhas etnográficas feitas ao longo dos tempos servem para, em primeira instância, preservar uma memória colectiva fonográfica de determinada região, povo ou país. A conservação desta memória única e insubstituível cabe-nos a todos. Através dela, podemos sentir o pulsar de um povo ou país, a sua alma.

Nos anos 60 do século passado, Michel Giacometti veio para Portugal fazer recolhas etnográficas (de destacar que, antes dele, muitas outras já tinham sido realizadas, mas sem projecção tão visível, como os casos de Armand Leça, Virgílio Pereira ou Artur Santos). De gravador e microfone a tiracolo, andava de aldeia em aldeia, percorrendo as várias zonas que compõem o território nacional, recolhen-

do canções e outros tipos de registos orais que, de modo geral, traçam um território deveras comprometido com a tradição. Destas recolhas etnográficas nasceram, então, os célebres Arquivos Sonoros, que foram lançados em cinco volumes com capa de serapilheira, com a ajuda preciosa de Fernando Lopes Graça.

João Aguardela, no Megafone, aproveitou o legado deixado por Giacometti, impregnando-o de coordenadas estéticas por via electrónica. A identidade musical de um país caracteriza-se também pela sua mudança de paradigmas estéticos e pelas seus movimentos de ruptura. Aconteceu com o fado, mais fácil acontece com um legado sonoro colectivo.

Nos 4 discos de originais que Aguardela lançou sob a denominação Megafone, diferente dos restantes projectos em que estava envolvido, mas com denominadores comuns (a música tradicional e a língua portuguesa), esta memória colectiva etnográfica liga-se à electrónica, transportando-a para um novo cenário,

eventualmente melhor assimilado pelas novas gerações. Neste sentido, tal como Giacometti, Aguardela foi também um pedagogo, deixando o legado ancorado em novos territórios e conseguindo também, desta forma, a construção de um novo discurso estético/musical para fruição de todos.

Os discos revelam uma simbiose tradição/modernidade ímpar. João Aguardela, qual artesão antigo conhecedor profundo das suas peças, concebeu um produto de extrema qualidade, flexível, aberto, acessível e, portanto, facilmente, assimilado. Está presente na discografia Megafone quicá o melhor exemplo de fusão entre música tradicional portuguesa e electrónica, linguagens disparemas mas que, no fundo, casam perfeitamente.

É pena que tenha partido. Fica a música tradicional portuguesa irremediavelmente mais pobre e sem sentido aventureiro.

Discografia: *Megafone* (1998), *Megafone 2* (1999), *Megafone 3* (2001), *Megafone 4* (2005).
Luís Antero



Linha da Frente - 2002 viu sair para as lojas o projecto que espelha a posição que João Aguardela optou por tomar na sua carreira musical, o Linha da Frente, onde dividiu a composição com Luís Varatojo pela primeira vez e onde participaram vários outros músicos de diferentes quadrantes, de Janelo (Kussondulola) a Rui Duarte (Ramp). Na altura o colectivo foi chamado de “super-grupo” mas apresentava uma diferença importante – deram coerência à coisa, algo raro quando se encontram muitas vedetas juntas.

Apesar do sucesso instantâneo que os Sitiados

alcançaram com alguns temas, cedo se percebeu que não era aquilo que o fazia mover no mundo da música. João Aguardela possuía um raro sentido de “portugalidade”, no sentido musical do termo. Nos primeiros sinais de êxito dos Sitiados falava-se muito nos Pogues, como termo comparativo, mas sempre soaram, particularmente pelas histórias de faca e alguidar, como genuinamente portugueses.

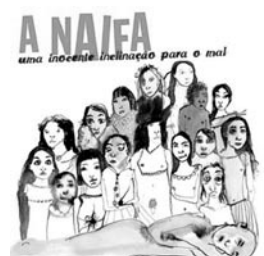
As sonoridades tradicionais que buscou no Megafone comprovaram-no, e comprovaram também a intenção de actualizar linguagens que nem sempre são faceis de compreender, como as nossas próprias raízes, musicais em primeiro lugar, e culturais num sentido mais amplo.

A Linha da Frente foi então um projecto (termo que não apreciava por lhe soar demasiado calculista) em que a mesma portugalidade foi repescada e vestida com linguagens actuais, tão actuais que

desafio qualquer toca-discos a passar “Não posso adiar o coração” e contar quem não bate o pé.

A portugalidade de Fernando Pessoa, Ary dos Santos, António Botto, Natália Correia ou António Aleixo dificilmente seria entendida por um fã dos Ramp, Sitiados ou Peste&Sida, mas foi isso que se propuseram fazer. Juntaram grandes clássicos da literatura portuguesa com outros poetas contemporâneos, como Adília Lopes e Tiago Gomes, juntaram vocalistas com classe (Vivianne, Dora Fidalgo, Prince Wadada e os já citados), cozinham tudo em lume brando e em vez de uma festa inconsequente (como os outros “super-grupos”) fizeram um disco para gente grande que, à semelhança das palavras escritas pelos autores, perdurará e será respeitado.

Discografia: *Linha da Frente* (2002)
Nuno Santos



A Naifa - A relação musical iniciada com Luís Varatojo tomou forma de grupo, e evoluiu novamente num sentido completamente novo. De facto, a continuidade da concepção musical/poética no sentido de reinventar o tradicional e o moderno (dois conceitos tão facilmente corruptíveis para bailarico/disco-night) é a imagem de marca que João Aguardela me emprimitiu.

Luís Varatojo é um músico a sério, a vocalista

Mitó é um achado e A Naifa é um grupo que faz grandes músicas que dão pra rir, dançar, namorar e chorar. Editaram 3 discos e vi-os uma única vez, em Coimbra, numa noite em que Jon Spencer tocava no TAGV. O Museu dos Transportes encheu mesmo assim, na cidade chamada de “capital nacional do rock’n’roll”.

A Naifa também recorre a palavras emprestadas por poetas portugueses, contemporâneos, como Ana Paula Inácio, João Miguel Queiroz, José Luis Peixoto, Nuno Marques, Nuno Moura, Pedro Sena-Lino, Rui Lage, novamente Tiago Gomes e Adília Lopes. No último disco, porém, as letras foram todas assinadas por uma misteriosa Maria Rodrigues Teixeira, autora desconhecida e ausen-

te. Os músicos explicaram que foram contactados pela própria no final de um concerto em Tondela, tendo mais tarde recebido os seus textos, que adoptaram. Nunca mais tiveram contacto directo, já que ela se encontra fora do país. Houve quem insinuasse que a assinatura fosse um heterónimo do próprio Aguardela, o que foi negado.

Quanto à composição dos temas, pertence à dupla Aguardela/Varatojo. Mas apesar da descrição do primeiro em palco, era sua a responsabilidade da coerência e harmonia sonora d’A Naifa.

Obrigado João Aguardela. Que venha outro parvo tentar pôr-se no teu lugar.

Discografia: *Canções Subterrâneas* (2004), *3 Minutos Antes de a Maré Encher* (2006), *Uma Inocente Inclinação para o Mal* (2008).
Nuno Santos

Obrigado OHs.XXI



PERSPECTIVAS (3)

Sendo a noite, para mim, o momento ideal para a reflexão, vou, através de um pequeno texto, procurar responder ao desafio que me fez uma das pessoas que primeiro me falou sobre a OHsXXI, e que não é mais do que falar um pouco do que penso sobre a associação.

Como penso que sabes, foste tu que, ao teres conhecimento da minha ligação às Artes Plásticas, tiveste a gentileza de me convidar, em 2001, para participar numa das exposições do Festival de Artes Plásticas, que a OHsXXI tão bem soube apelidar de Agirarte e que, ao longo destes dez anos de existência, tem vindo a dinamizar.

Se não conhecesse algum do trabalho que a Associação tem vindo a desenvolver ao longo desta década, num concelho onde a interioridade ainda se faz sentir e a proximidade com as dinâmicas culturais contemporâneas ainda se encontra longe, diria que, só por si, a Agirarte, é uma pinelada, de cor quente, que todos os anos a OHsXXI trás ao cinzento “plástico” desta nossa querida terra.

Mas se, só por si, o trazer anualmente a Oliveira vários olhares sobre as artes plásticas já nos parece importantíssimo, o princípio de a espalhar por vários espaços, com o objectivo de que ela seja fruída pelo maior número de pessoas é, no meu ponto de vista, fundamental.

Quem, como eu, escolheu o interior para viver e criar os filhos, depois de ter passado e vivido num grande centro urbano, facilmente percebe o trabalho que há ainda a desenvolver para que as distâncias “Culturais” encurtem e a cultura se descentralize.

Dez anos passados, a OHsXXI, continua a Agir. Age porque um grupo de pessoas “anónimas” se mobiliza e procura desenvolver dinâmicas culturais importantíssimas, que certamente contribuirão para encurtar essas distâncias. Porque ainda não faço parte desse grupo de pessoas, estou à vontade para dizer que o concelho de Oliveira do Hospital vos deve, no mínimo, o respeito pelo vosso esforço. Sei que o associativismo não é fácil e que nem sempre tem sido apoiado, como eu penso que deveria ser. Na minha modesta opinião, cabe às Câmaras Municipais saberem olhar para as associações existentes nas suas áreas territoriais, entenderem qual o contributo social que cada uma pretende desenvolver, aprender e trabalhar com elas e, face a isso, apoiá-las.

Porque acredito que a verdadeira transformação social só se pode fazer através da formação plena do indivíduo, não poderia deixar de vos agradecer pelo belíssimo trabalho que a OHsXXI tem feito nesse sentido.

Obrigado OHsXXI!

José Carlos Marques



João Lourenço

Bush em retrospectiva

Com o lema “Yes We Can” (Sim, Nós Podemos) Barack Obama tomou posse, no passado dia 20, como Presidente dos EUA.

Obama entra com um ciclo económico desfavorável e herda de George W. Bush um país com um défice orçamental de alguns biliões, um país com um fosso crescente entre pobres e ricos, um país onde “estalou” a grave crise financeira e do subprime que alastrou ao mundo, um país desacreditado e bastante dividido quanto à questão do Iraque.

Ao contrário, oito anos antes, Bush entrou com um ciclo económico favorável e herdou de Bill Clinton um país com um superavit orçamental de alguns biliões, um país com boas e justas políticas sociais e um país respeitado e respeitável. Em oito anos, como pôde tudo mudar?

Em regime simplificado, este poderia ser o ponto de partida.

W. é um filme de Oliver Stone, prestigiado e controverso realizador de Hollywood que já produziu, antes, dois filmes sobre presidentes dos Estados Unidos – *JFK* (um excelente filme e dos meus favoritos) e *Nixon*.

W. estreou em Outubro passado e retrata a vida de George W. Bush, interpretado por Josh Brolin. Não se trata de um filme de ataque cerrado a Bush, mas onde ficamos a conhecer o seu lado menos conhecido. Como disse Stone, pretendia mostrar “como é que Bush, um alcoólico irresponsável, se transformou no homem mais poderoso do mundo, mas também falar dos demónios da sua vida privada, dos confrontos com o pai e da sua conversão ao cristianismo, o que explica muita

coisa sobre de onde ele vem”.

Começamos por ver um Bush jovem, que entra para a universidade mas que não a acaba, e com graves problemas de alcoolismo. Percebe-se desde logo que tem várias desavenças com o progenitor, ficando a saber-se que o preferido de “Bush pai” para vingar na política era o filho Jeb e que nunca pensou que o filho George W. chegasse a Presidente ou que fosse alguém na vida. Fica também a perceber-se a conversão de Bush a um certo fanatismo religioso (ele sente-se, de certa maneira, “iluminado” e pré-destinado a fazer o que tem que fazer) assim como o seu desejo de derrubar Saddam Hussein a qualquer pretexto, mal chegou à presidência.

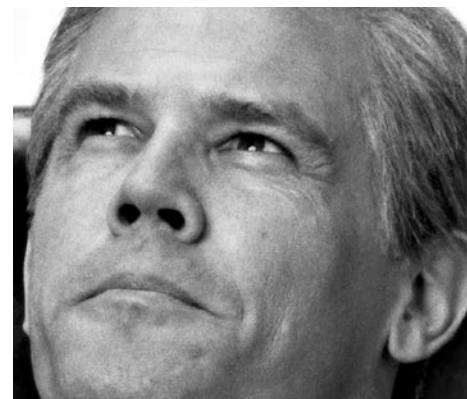
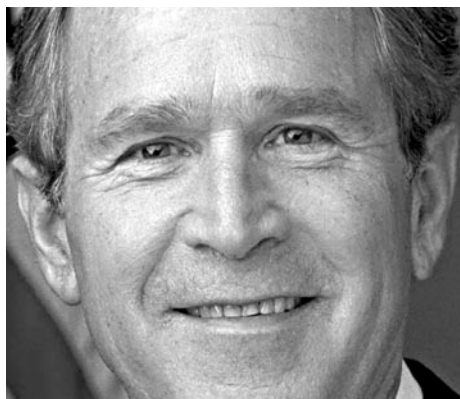
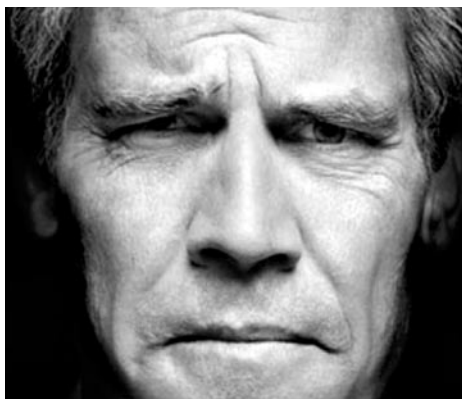
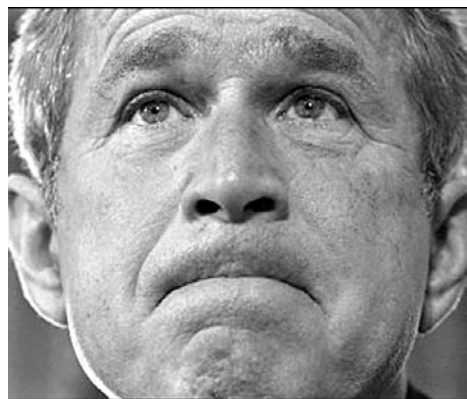
Incontornável é a influência, ilustrada pelo filme, que o vice-presidente Dick Cheney (interpretado por Richard

Dreyfuss) tem sobre Bush, assim como o peso do petróleo na decisão de invasão do Iraque, bem patente na cena em que, numa reunião no gabinete de crise, Cheney mostra um mapa com os vários poços de petróleo existentes no Médio Oriente e defende que, controlando o Iraque, os EUA controlariam o petróleo mundial.

Como não podia deixar de ser, vêem-se também as célebres gaffes de Bush, como na cena em que, numa conferência de imprensa, um jornalista lhe faz uma pergunta e Bush, embaraçado, lhe diz que teria sido mais fácil se ele antes tivesse enviado a questão por escrito.

W. não é um filme que agarra o espectador ao ecrã, mas que é interessante de ver e ajuda a interpretar aquilo que o mundo é em 2009.

Ricardo Figueiredo



3 PISTAS

O Pensamento
LibertaMúsica Livre
Parte 2

Nacional e Bom



Confesso que, desde as aulas de História no secundário, sempre tive um gosto muito especial pela designada “Geração de 70” (do Sec. XIX, entenda-se), pela “Questão Coimbrã” e por tudo o que esse memorável grupo de cidadãos/estudantes/intelectuais /agitadores provocou no Portugal de 1870.

Causas da Decadência dos Povos Peninsulares... devolve-nos ao espírito do confronto desses tempos. Ao confronto transformador entre o Portugal progressista e o Portugal conservador e ensimesmado. Rer este texto revelador é abrir as portas da percepção para aquilo que fomos/somos e aquilo que queremos/ não nos deixam ser.

É sentir o respirar ansioso das *Conferências Democráticas do Casino* realizadas em Lisboa naquele Maio de 1871. O novo pensamento, o novo olhar – minoritário, é certo, mas libertador – desafiando as velhas fórmulas, os “direitos” instalados e os medos enraizados, que ajudavam à ordem estabelecida e reinante.

A polémica, o confronto, a censura. O velho mundo a desabar. Aos poucos, como as grandes transformações sociais. Nada ficaria como dantes...

Recordo que, das 10 conferências previstas, o programa foi interrompido ao quinto tema, por acção das autoridades que as ilegalizaram. O pensamento liberta...

Esta reedição de 2008, de uma qualidade e apresentação esteticamente cativantes, em jeito de edição comemorativa tem o bónus de um Prefácio-Pequeno Ensaio de Eduardo Lourenço que é um portento de reflexão. Outra vez a dar-nos novas pistas, apontando-nos caminhos a desbravar ...

Perante as obras-primas não há muito para dizer. Ficam algumas citações:

Do Prefácio: “...releitura de um texto que desde o seu nascimento se tornou na referência mítica da cultura portuguesa moderna. Ou com mais precisão, o seu próprio acto fundador.” (Eduardo Lourenço)

Da obra: “Mas, se não reconhecermos e confessarmos francamente os nossos erros passados, como poderemos aspirar a uma emenda sincera e definitiva? (...) não pretendemos impor as nossas opiniões, mas simplesmente expô-las: não pedimos a adesão das pessoas que nos escutam; pedimos só a discussão: essa discussão longe de nos assustar, é o que mais desejamos...” (Antero de Quental)

José Francisco Rofo

Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos,
Antero de Quental, Ed. Tinta da China, 2008



Depois de ter tentado dar uma achega quanto ao modo de funcionamento das netlabel's, na edição anterior do S_21, importa agora perceber e realçar o seu papel na divulgação musical de milhares de artistas mundo fora. De facto, estas editoras independentes com base na Internet são veículos cada vez mais fortes para que um artista chegue mais longe com as suas produções musicais. A rede de netlabel's existente é enorme, como atesta o site/plataforma *netlables.org* e, portanto, cada artista pode optar pela editora que mais se assemelha, em termos de material editado, às suas coordenadas estéticas. Em princípio, estas editoras têm uma mente aberta, mas cada vez mais existem especializações, dotando assim as mesmas de um certo portefólio esteticamente uniforme. Este tipo de preocupação, a meu ver, é um ponto a favor de uma netlabel. Para além de lhe dar coesão, deixa o caminho mais facilitado para o viajante incauto em busca de música livre. Existem, à partida, duas questões a ter em conta para que determinada netlabel edite um artista: a qualidade do trabalho e a sua linguagem estética. Isto é um disco rock noise dificilmente será editado por uma netlabel ligada a linguagens electrónicas. Por outro lado, um disco de electrónica ambiental já poderá ser incorporado numa netlabel especializada em gravações de campo, por exemplo. De qualquer modo, há sempre espaço de sobra para quem queira ver e sentir os seus trabalhos editados e haverá sempre quem os queira editar. Se, porventura, derem um passeio por este mundo fascinante, não se admirem de pelo caminho encontrar discos estupendos, que poderiam muito facilmente figurar numa qualquer editora independente (ou *major*) em edições de formato físico. Exemplos existem, como no caso da portuguesa Merzbau, em que editoras importantes, (afinal) atentas a este fenómeno, poderão *pescar* algum artista para a sua rede. Em suma, é um mundo fascinante, este. As pistas, essas, são imensas. A música é livre. Sempre.

Luís Antero



A partir de hoje, e durante todas as Terças-feiras do mês de Fevereiro, será possível acompanhar mais um Ciclo de Cinema Português na Casa da Cultura César Oliveira, o quarto desde que o Município de Oliveira do Hospital inaugurou esta iniciativa, em Janeiro de 2007. Numa altura em que os cinemas do interior conhecem uma quebra acentuada de público (que se pode explicar pelo incontornável atraso com que recebem as principais estreias, pela crescente facilidade de acesso aos filmes na internet e pelo desaparecimento do glamour de ver o filme em grande ecrã) os ciclos anteriores deixaram alguns sinais muito positivos que justificam a continuidade na aposta – público em número apreciável (a entrada é grátis), apoio à produção nacional, recuperação de uma prática de consumo cultural a meio da semana que chegou a ter raízes fortes há não muitos anos. Isto apesar de algumas opções inusitadas (em 2007, *Filme da Treta*, de José Sacramento, teve entrada gratuita dois dias depois de terminado o fim-de-semana em que o público o podia ver... a pagar) e de uma ou outra escolha de programação descontextualizada (*Coisa Ruim*, de Tiago Guedes e Frederico Serra, passou em Outubro de 2008, mais de dois anos após a sua estreia e pouco antes da chegada do novo filme da dupla).

As escolhas para este mês de Fevereiro têm de tudo um pouco do que faz o actual cinema português – *Amália* representa o filme de escala industrial, desejado por novos e (principalmente) menos novos, tão mais apetecível quanto não há grande tradição de biopics entre nós; *Mal Nascida* traz um cineasta, João Canijo, que tem deixado uma marca autoral vincada com a sua abordagem a um Portugal subterrâneo, de histórias cruéis e gente marcada pela violência; *Goodnight Irene* é um paradigma de globalização, filmado em Portugal e Espanha por um cineasta nascido em Nova Iorque e filho de uma grega e um português; *Entre os Dedos* marca o regresso de Tiago Guedes e Frederico Serra, porventura os realizadores que melhor têm percebido a necessidade de ter um argumento forte e consistente como forma de atrair espectadores ao cinema.

Obviamente, todos têm interesse, quanto mais não seja por permitirem perceber a actual vitalidade dessa “coisa” que é o Cinema português.

Artur Abreu

4.º Ciclo de Cinema Português, Casa da Cultura César Oliveira,
3, 10, 17 e 24 de Fevereiro, 21h30

BREVES CULTURAIS
SEMPRE ACTUAIS

Jornal de Letras chega ao 1000. O único jornal português dedicado exclusivamente às questões da Língua Portuguesa e da Cultura saiu para as bancas pela primeira vez a 3 de Março de 1981 e tem sido dirigido, desde a fundação, por José Carlos Vasconcelos. Com periodicidade quinzenal, o JL atingiu o número 1000 no dia 28 de Janeiro, numa edição de que constavam textos inéditos de José Saramago e Eduardo Lourenço, entre outros.

Joana Carneiro vai dirigir Berkeley Symphony. Aos 33 anos, a maestrina portuguesa foi convidada para directora musical daquela orquestra sinfónica americana, cargo que assumirá a partir de Outubro de 2009. Joana Carneiro sucede ao californiano Kent Nagano, o terceiro director musical na história da orquestra, cargo que ocupou durante três décadas e durante o qual conquistou vasto estatuto internacional.

Luís Tinoco estreia nos Estados Unidos peça inspirada na viagem à Lua. A peça foi encomendada pelo maestro David Alan Miller, após este ter tido conhecimento da

coincidência entre as datas de nascimento do compositor português e da partida da missão lunar Apollo 11, em 1969. A peça, de 10 minutos, vai ser estreada no estado de Nova Iorque no dia 6 de Março pela Orquestra Sinfónica de Albany e receberá o nome de *Mare Tranquillitatis*. Tinoco formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa e actualmente encontra-se a fazer doutoramento nos EUA.

Thriller vai ser adaptado para musical.

A nova produção teatral irá inspirar-se no teledisco de 14 minutos realizado por John Landis para o tema de Michael Jackson, centrado num casal de namorados em que o rapaz se transforma num lobisomem, e que finaliza com uma coreografia com zombies. O musical incluirá temas dos álbuns *Off the Wall* (1979) e *Thriller* (1982), considerado o álbum que até hoje mais vendeu em todo o mundo, com números superiores a 100 milhões de exemplares.

Júlio Sarmento distinguido com Prémio Universidade de Coimbra. O galardão, no valor de 25 mil euros, foi

instituído para distinguir personalidades portuguesas nas áreas das ciências e cultura e premiou este ano um criador que “representa actualmente um dos mais significativos embaixadores da cultura portuguesa no mundo, expondo, publicando e leccionando nos mais importantes locais das artes plásticas internacionais”. O nome do artista plástico juntou-se aos do neurocientista Fernando Lopes da Silva, do historiador António M. Hespanha, do actor e encenador Luís Miguel Cintra, da especialista em estudos clássicos Maria Helena da Rocha Pereira, do matemático luso-brasileiro Marcelo Viana, e do investigador e empreendedor José Epifânio da Franca, vencedores das cinco primeiras edições do Prémio.

Lucas Pires na biblioteca do Parlamento Europeu. O antigo dirigente centrista e eurodeputado do Partido Popular Europeu faleceu em 1998, depois de ter ocupado, entre outros, o cargo de Ministro da Cultura e da Coordenação Científica em 1982-83. Agora, a sala de leitura da Biblioteca do Parlamento Europeu, em

Estrasburgo, passa a levar o nome de Francisco Lucas Pires.

Astérix vai continuar depois dos 50 anos. No ano em que celebra meio século de aventuras, soube-se que Uderzo, o sobrevivente da dupla criadora do pequeno gaulês (Goscinny faleceu em 1977) deu autorização para que novos episódios continuem a ser publicados após a sua morte, sob a supervisão de outros autores. O caso não é inédito, sendo paradigmático o exemplo de Edgar P. Jacobs, cujos heróis Blake e Mortimer continuaram a viver novas aventuras depois do desaparecimento do seu criador. No pólo oposto está Tintim – com a morte de Hergé, e por vontade expressa deste, o jovem jornalista belga não voltou a protagonizar nenhum novo livro.

Há 80 anos que Tintim partiu para o País dos Soviéticos. Foi a 10 de Janeiro de 1929 que o suplemento infantil do jornal belga *Vingtième Siècle*, o *Petit Vingtième*, iniciou a publicação da viagem efectuada pelo jovem repórter ao País dos Soviéticos. A odisséia prolongar-se-ia até 9 de Maio

de 1930, altura em que Tintim regressou a Bruxelas e foi recebido apoteoticamente. Pelo meio tinham ficado 138 pranchas com a “verdade” sobre o “milagre soviético”. Até 1976 seriam publicados mais 22 aventuras, antes morte de Hergé, em 1983.

Quem Quer Ser Bilionário distinguiu-se nos Globos de Ouro. O filme do inglês Danny Boyle recebeu três dos principais prémios atribuídos pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood – melhores filme dramático, realizador e argumento de 2008, a que se juntou ainda o galardão de melhor banda sonora, entregue ao compositor A.R. Rahman. Nas interpretações, foi a britânica Kate Winslet que arrasou a concorrência, ao vencer os globos para melhor atriz dramática (*Revolutionary Road*) e melhor atriz secundária (*The Reader*). Os restantes prémios de interpretação foram para o falecido Heath Ledger (melhor actor secundário em *O Cavaleiro das Trevas*), Mickey Rourke (melhor actor dramático em *The Wrestler*), Colin Farrell (melhor actor de comédia em *In Bruges*) e Sally Hawkins (melhor atriz de comédia em *Happy-Go-Lucky*). Quanto aos filmes, *Vicky Cristina Barcelona* foi escolhido como melhor comédia, *Valsa com Bashir* como melhor filme estrangeiro e *Wall-E* como melhor filme de animação.

AA